

Desobediência epistêmica em “o que dói mais”, de Patativa do Assaré

Maria Cleide Soares Cavalcante (UERN)
E-mail: mcsconexao@yahoo.com.br

Introdução

Discutimos desobediência epistêmica, a partir das reflexões no/com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e adultos (GEPEJA), com o projeto “Diversidade, diferença e justiça social na produção de currículos da EJA: uma análise em larga escala de propostas e práticas educativas em municípios do estado do RN”, vinculadas as situações cotidianas e como as pessoas são desigualmente tratadas.

Buscamos da compreensão do conceito de desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2007; 2017), (QUIJANO, 2005), consiste no reconhecimento de diversidades, histórias invisibilizadas, pluralidade cultural, pensamento epistêmico subalterno, conforme pensamento pós-abissal (SANTOS; ARAÚJO; BAUMGARTEN, 2016).

Portanto, discutimos episteme ocidental histórica dominante, colonialidade produtora de racionalidade universal, a partir de autores que criticam o saber eurocêntrico, como outra forma de pensar para além da invenção colonial, outras epistemes.

A pesquisa apresentada se filia a abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica, envolve um ciclo de leituras exploratórias no/com GEPEJA, espaço formativo para compartilhamento de conhecimento e aprendizagem sólida.

Assim, compreendemos movimentos de resistência e/ou de desobediência epistêmica, com o poema “O que mais dói”, de Patativa do Assaré, com a pergunta: Como o texto se caracteriza como desobediência epistêmica?

Desenvolvimento

Quijano (2005) considera a colonialidade do poder correlacionada com capitalismo, prática de dominação que se mantém com naturalização de colonialidade, negando possibilidades de identidades, violência de direitos pela exploração, escravidão, surgindo com conquista territorial na América pela Europa.

Isso provocou morte de populações nativas e devastação ambiental pela produção de riquezas naturais, minerais e concentração de poder, em sociedades tribais, nas Américas, colonialismo, não apenas econômica, mas também política e cultural.

Esse movimento dura até hoje, ampliando desigualdade, e a globalização dividindo o mundo em países desenvolvidos e subdesenvolvidos, “como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento” Quijano (2005, p. 121).

A colonialidade é o “lado mais escuro da modernidade” (MIGNOLO, 2017), apesar de conquistas, submete aos colonizados um padrão de poder hegemônico sobre conhecimento universalizado e naturalização do colonizador, com submissões relacionadas à divisão racial, à etnia, à epistemologia, ao gênero, à cultural, às crenças, aos saberes, identidades inventadas pelos europeus, para justificar as relações de poder, transformando a cultura europeia em padrão a ser alcançado, o eurocentrismo.

identidades são aspectos essenciais dos indivíduos, que podem levar a intolerância, e de que nas políticas identitárias posições fundamentalistas são sempre um perigo. [...]. A política identitária dominante ...se manifesta através de conceitos abstratos como ciência, filosofia, Cristianismo,

liberalismo, Marxismo e assim por diante (MIGNOLO, 2007, p. 289).

A identidade em política é alternativa descolonial, “sem a construção de teorias e [...] a organização de ações políticas fundamentadas em identidade que foram alocadas por discursos imperiais”, para compreender a tese como modelo político-ideológico, segundo Quijano (2005), para manter poder econômico, identitário, epistemológico.

Uma ruptura epistêmica requer desvincular-se da matriz colonial de poder que classifica grupos em inferiores, não pensantes, nações subdesenvolvidas na economia, hierarquicamente inferiores, artifícios ao controle da sociedade. É possível soltar amarras para nova caminhada, como resistência, combater a opressão com a desobediência epistêmica.

Para Santos (2016), a crise global de colonialidade de poder amplia a exclusão, desenha novo mapa mundial, com linhas abissais globais, parte do projeto hegemônico, provoca epistemicídios, pois o pensamento alternativo sobre a diversidade do mundo, propõe uma epistemologia do sul, imaginação política para descolonizar o pensamento moderno, colonial e capitalista.

A desobediência epistêmica ocorre com ruptura do pensamento moderno, concebendo regulação do conhecimento reproduzido pela colonialidade pelo progresso, privilegiando conhecimentos eurocêntricos (MIGNOLO, 2017). Isso deixou marcas discriminatórias, racistas, machistas e desigualdades, evidenciando o reconhecer desses processos colonizadores sob múltiplas facetas.

Ao observar o texto de Patativa¹, “O que mais dói”, que traduz conhecimento local, interrompido pela história eurocêntrica, opção

¹ Patativa do Assaré, Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002), nasceu na Serra de Santana, propriedade rural em Assaré, sul do Ceará. Apelidado de Patativa, em

descolonial apresentada por narrativa poética, histórica e política, destaca a condição de sujeito subalternizado (pobre, negro, baixa escolaridade) representado pela criatividade de artista popular, com desobediência epistêmica ao divulgar sua consciência crítica, representando a força do homem do nordeste, que resiste ao desprezo do poder político:

O que mais dói

O que mais dói não é sofrer saudade
Do amor querido que se encontra ausente
Nem a lembrança que o coração sente
Dos belos sonhos da primeira idade.

Não é também a dura crueldade
Do falso amigo, quando engana a gente,
Nem os martírios de uma dor latente,
Quando a moléstia o nosso corpo invade.

O que mais dói é o peito nos oprime,
E nos revolta mais que o próprio crime,
Não é perder da posição um grau.

É ver os votos de um país inteiro,
Desde o pracião ao camponês roceiro,
Pra eleger um presidente mau.

(ASSARÉ, 1956, apud POETISART, 2020, p. 1).

A colonialidade controla o poder e se amplia de formas distintas (ser e saber), negando formas de compreensão do conhecimento

alusão ao pássaro amazônico de canto incomparável. Reconhecido internacionalmente, sua obra conta a vida do sertanejo, dores e lutas com linguagem informal.

(QUIJANO, 2005). A arte literária cumprindo sua função comunicativa, possibilita a relação com o mundo, interage, expressa cultura, autoidentidade do sujeito.

Nesse contexto, é importante pensar práticas cotidianas na EJA, com múltiplas identidades, por sujeitos com direitos sócio-políticos, econômicos e identidades negadas por políticas educacionais nas linhas abissais. Não podemos impor currículos pela cultura dominante, mas promover a desivibilizações de culturas e saberes diversos, ao longo da vida (SANTOS, 2016).

Conclusões

A colonialidade travestida de civilização nos fez refletir o quanto a cultura eurocêntrica está enraizada em nossa vida, além de afetar práticas de linguagem, relações de identidades, pela colonialidade do poder, padronizando o pensar igualmente como colonizados e colonizadores.

O pensamento descolonial constrói identidade política, com valores construídos por toda vida, sustentando desobediência epistêmica, como resistência, considerando outros saberes, valorizando a própria cultura, possibilitando leitura e escrita críticas.

Referências

ASSARÉ, Patativa do. **O que mais dói**. Disponível em: <https://poetisarte.com/autores/patativa-do-assare/o-que-mais-doi/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 52. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 32. n. 94, p. 1-17, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 maio. 2022.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Revista Gragoatá, n. 22, p. 11-41, 1º sem. 2007. Traduzido de Ângela Lopes Norte. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4251728/mod_resource/content/0/op%C3%A7%C3%A3o%20descolonial%20walter%20mignolo.pdf. Acesso em: 18 maio. 2022.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005, p. 107-130. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 11 maio. 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza; ARAÚJO, Sara; BAUMGRTEN, Maíra. **As epistemologias do sul num mundo fora do mapa**. Sociologias, Porto Alegre, ano 18, n. 43, set./dez., 2016, p. 14-23. Disponível em: <https://repositorio.esocite.la/922/1/As%20epistemologias%20do%20Sul%20-%20Dossi%C3%AA%2043.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2022.